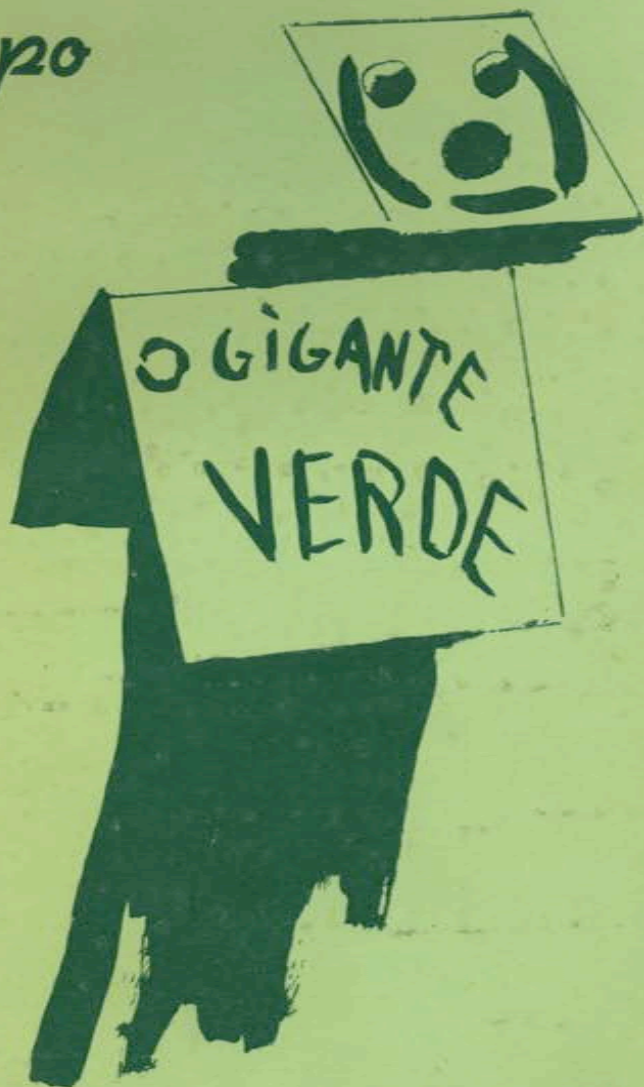


manuel grangeio

crespo



MANUEL GRANGEIO CRESPO

U1K0701127



O GIGANTE VERDE



EDIÇÕES ÁTICA
LISBOA

Entrevista de Manuel Grangeio Crespo
publicada no 'Jornal de Letras e Artes'
de 11 de Setembro de 1963

As edições do Seull publicaram recentemente, na sua colecção Ecrire, uma obra de Manuel Grangeio Crespo — «Le Géant Vert», liturgia mágica em sete sequências e outros tantos comentários. Não se trata de mais uma peça de mais um dramaturgo mas, assim o creio, de um decisivo passo em frente do autor de «Os Implacáveis», nessa direcção do teatro mítico, do teatro-sacrificial, do teatro da crueldade, em que ele nos aparece, isolado, depois de Antonin Artaud e de Paul Claudel, depois de Jean Genêt de «Les Bonnes», reclamando a restituição do palco a uma função permanente de superação do humano. Tendo acreditado e continuando a acreditar no extraordinário talento de Manuel Grangeio Crespo, sem aderir embora rigorosamente à sua visão do teatro com exclusiva função mágica, que rejeita, por exemplo, da cena e classifica de mera literatura Sartre, Miller, quase todo Bertolt Brecht, procurei-o, em Paris, para uma longa conversa. Foi na noite em que assistimos à projecção desse filme inesquecível (um dos mais importantes dos últimos vinte anos), a que Jean Giono deu o nome de «Un Roi Sans Divertissement», e que precisamente se encontra na linha de Manuel Crespo, pela sua qualidade de exorcismo, pelo contraponto cromático e moral da neve e do sangue, fora das arquias éticas tradicionais — foi nessa noite que discutimos alguns pontos que me havia sugerido a leitura do «Géant Vert»: a natureza num mundo tecnicizado, que perdeu o senso do sagrado, mas aspira a um regresso litúrgico à origem. Obra intensamente poética — e de uma grande beleza de linguagem — exprime o conflito do homem com a natureza e até a devassa moderna dos espaços — e ao mesmo tempo